

O que é desverbalização e como é usada no treinamento de intérpretes no Brasil?

What is deverbalization and how is it used in the conference interpreters' training in Brazil?

Romulo Tavares Tardelli Faria*

Resumo: A desverbalização é uma técnica para interpretar o sentido de uma mensagem sem se prender às palavras do discurso. Este artigo explora o uso da desverbalização como ferramenta pedagógica no treinamento de intérpretes no Brasil. O trabalho investigou as origens da Teoria Interpretativa da Tradução que criou o conceito de desverbalização. Buscou-se entender a percepção dos professores de interpretação sobre o uso dessa técnica em exercícios nas modalidades de interpretação simultânea e consecutiva. A investigação também se focou em estudos já produzidos e em propor o surgimento de novas pesquisas acadêmicas sobre o assunto.

Palavras-chave: Desverbalização. Treinamento de intérpretes. Interpretação de Conferências.

Abstract: The deverbalization is a technique to interpret the meaning of a message without being attached to the words of the speech. This article explores the use of deverbalization as a pedagogical tool in training interpreters in Brazil. The study investigated the origins of the Interpretive Theory of Translation that created the concept of deverbalization. We intended to understand the perceptions of teachers of interpretation regarding the use of this technique in terms of exercises in simultaneous and consecutive interpretation. The research also focused on studies ever produced and proposes the emergence of new academic research on the subject.

Keywords: Deverbalization. Interpreters' training. Conference Interpreting.

*Intérprete e tradutor Inglês<>Português e Italiano<>Português
Professor de Língua Inglesa e Língua Italiana
Graduado em Letras Português<>Inglês pela Faculdade da Região dos Lagos (FERLAGOS)

1 INTRODUÇÃO

Fayza Saleh AL-Hammadi (2008, p.11)¹ afirma que ao desverbalizar o intérprete é encorajado a expressar, na língua de chegada, as principais ideias da mensagem na língua de partida.

Para transpor as inúmeras variantes culturais e semânticas e a intenção de uma mensagem de uma língua para a outra, o intérprete deverá ser capaz de criar para ela uma espécie de silhueta, um invólucro, uma roupagem. Essa sombra é a primeira forma de decodificar a essência da mensagem – e recodificá-la em outro idioma.

Fillmore (apud ZAMPOLLI, Antonio, 1977, p.74-75) ressalta que as escolhas linguísticas do falante desencadeiam no intérprete a ativação do seu banco mental de imagens:

Estas imagens originais ligam-se a imagens maiores, as lacunas são preenchidas [...] Estes ajustes e conexões não dependem das informações presentes no código linguístico em si, mas de quão vasto é o conhecimento do intérprete e sua capacidade de conectá-lo às imagens mentais maiores. Esse conhecimento depende das memórias e experiências que o intérprete associa com as imagens que a mensagem na língua de partida introduziu em sua mente.²

Portanto, este trabalho teve seu foco delimitado na descrição das pesquisas mais relevantes já produzidas no campo acadêmico sobre o processo de desverbalização, e na apresentação dos resultados de entrevistas realizadas pelo autor com professores e treinadores de intérpretes em cursos de graduação, pós-graduação e cursos livres no Brasil.

O objetivo geral deste trabalho foi identificar qual é a percepção dos professores e instrutores de intérpretes sobre a importância da desverbalização na interpretação.

Os objetivos específicos foram verificar se exercícios de desverbalização são usados como ferramenta pedagógica na formação de intérpretes no Brasil e motivar o surgimento de novas pesquisas sobre o tema.

¹ Todas as traduções das citações originais em inglês e francês são do autor deste artigo.

²“These original scenes get linked into larger scenes, their ‘blanks’ get filled in [...]

Much of this linking and filling-in activity depends, not on information that gets explicitly coded in the linguistic signal, but on what the interpreter knows about the larger scenes that this material activates or creates. Such knowledge depends on experiences and memories that the interpreter associates with the scenes that the text has introduced into his consciousness.

Ao investigar a Teoria Interpretativa da Tradução, elaborada a partir das observações e trabalho de Danica Seleskovitch nos anos 1960, e a literatura no campo da Interpretação de Conferências verifica-se que poucos estudos apresentam dados qualitativos e quantitativos sobre a reflexão acerca de como a desverbalização é usada no treinamento de intérpretes. As pesquisas produzidas nos últimos anos abordam o tema sob o ponto de vista teórico.

Este campo de pesquisa, portanto, ainda não foi explorado em sua totalidade, com espaço para contribuições deixando muitas perguntas sem resposta.

1.1 Metodologia

Entre os objetivos deste estudo destacou-se traçar um panorama do uso da desverbalização como ferramenta no treinamento de intérpretes em cursos de graduação, pós-graduação e cursos livres. Algumas perguntas nortearam essa investigação: A desverbalização é uma ferramenta pedagógica usada na preparação de intérpretes para o mercado de trabalho no Brasil? De que forma ela é empregada nas aulas? Ela é mais usada na simultânea ou consecutiva? Quais são os impactos que ela provoca no desempenho de um aluno? Este estudo busca respostas para essas questões e também visa promover o surgimento de novas indagações sobre a formação de intérpretes.

O questionário que serviu de base para a coleta de informações não exigiu a identificação dos participantes. Uma das preocupações foi garantir o anonimato dos respondentes a fim de que nenhum juízo de valor acerca das habilidades ou conhecimento técnico-teórico de cada um fosse emitido.

O questionário, composto por sete perguntas e repassado por meio da plataforma online Google Drive, foi direcionado a professores de interpretação nas modalidades simultânea e consecutiva.

O estudo aferiu as impressões de professores/treinadores de intérpretes sobre a importância da desverbalização nas aulas de cursos de graduação, pós-graduação e cursos de formação livre. Tais cursos foram escolhidos porque possuem, além da formação teórica, muitas horas de treinamento prático em simulações de situações reais de trabalho dentro e fora de cabines de interpretação. Objetivou-se lançar luz sobre a noção de que a desverbalização não é só um

conceito – mas uma técnica de interpretação e uma estratégia para treinamento de intérpretes.

A pesquisa apresenta tema original, mas também se baseou em levantamento bibliográfico e de campo. Foram realizadas reflexões sobre os principais trabalhos acadêmicos já publicados na área de Interpretação de Conferências no Brasil e no exterior sobre o tema desverbalização. O levantamento bibliográfico baseou-se na leitura de artigos científicos, livros e teses disponíveis sobre a temática.

As instituições selecionadas para participar da pesquisa foram: os cursos livres de formação de intérpretes Brasillis (RJ) e Alumni (SP) – amplamente conhecidos no mercado nacional; e os cursos de pós-graduação Lato Sensu das universidades Estácio de Sá (RJ) e Pontifícia Universidade Católica (RJ) – únicos cursos universitários do Brasil que conferem título de especialista em Interpretação de Conferências reconhecido pelo Ministério da Educação.

O formulário com o questionário anônimo, elaborado na plataforma online Google Forms (https://docs.google.com/forms/d/1PC4w9a_u6KuVLM-dFFQCoi1HFsZ7VW-UhdYNBDZDkAE/edit), foi enviado por correio eletrônico para os professores e instrutores das instituições, acompanhado de descrição dos objetivos do estudo e convite para que fosse repassado a outros professores. O questionário também foi postado em grupos de discussão de interpretação e perfis de intérpretes da rede social Facebook (www.facebook.com.br).

1.2 Performance e precisão na interpretação

O estudo sobre a desconstrução de códigos verbais e sua reconstrução em signos linguísticos é importante porque propõe aos intérpretes de conferência pesquisas e reflexões mais profundas sobre suas práticas de trabalho.

De acordo com Seleskovitch (1978, p.13) o ouvinte retém apenas o sentido daquilo que escuta. Ao explicar esse fenômeno Pagura (2012, p.96) cita Lederer (1978,1990):

A desverbalização [...] é considerada fundamental para a apreensão do sentido. Resulta da associação do significado linguístico das palavras com conhecimentos não-verbais anteriores (“conhecimento enciclopédico”) e com o “contexto de situação”, que é o conhecimento da situação em que o intérprete se encontra, envolvendo informações tais como o tema da

conferência, quem são os oradores, qual a posição de cada um em relação a um determinado tópico etc.

O intérprete precisa explicar o sentido de uma mensagem de uma língua para outra. Deve parafrasear o conteúdo, mantendo-se fiel ao contexto, ao significado e à intenção da mensagem.

Assim sendo, o intérprete tem papel crucial nas relações internacionais entre, por exemplo, Chefes de Estado, como afirma Maurice Gravier (apud SELESKOVITCH, Danica, 1975, p.1): “O intérprete derruba barreiras linguísticas, facilita a compreensão mútua, reduz diferenças, promove o entendimento”.

As línguas são apenas os instrumentos de trabalho de um intérprete, um meio pelo qual ele vai expressar o sentido de algo que deve ser explicado de um interlocutor para o outro; um veículo para a essência semântica da mensagem.

A apreensão e transposição dessa essência acontecem em milésimos de segundo e envolvem atividades cerebrais, cognitivas, físicas e psíquicas diferentes que culminam com o objeto de investigação deste estudo: a desverbalização e como ela molda a entrega do conteúdo final que será assimilado pelo receptor.

Diferentemente da tradução escrita, na qual a mensagem pode ser lapidada diversas vezes, na interpretação da linguagem oral não há tempo para refiná-la.

O processo de refino acontece ao mesmo tempo em que os demais processos cerebrais, desverbalizadores e linguísticos em etapas que Seleskovitch (1975, p.9) define em três momentos distintos:

1º audição do significante linguístico carregado de sentido; apreensão (domínio da língua) e compreensão (domínio do raciocínio e da comunicação) da mensagem para análise e processamento;

2º descarte imediato e voluntário do significante para reter apenas a imagem mental do significado (conceitos, ideias, ect.);

3º produção de um novo significante em outra língua, que deve obrigatoriamente exprimir toda a mensagem original e estar adaptada ao destinatário.

Os críticos Daniel Gile (1995), Pöchhacker (1992, 1995) (apud DOLLERUP e A. LINDEGAARD, 1992) e Schjoldager (1995) afirmam que os postulados da Teoria Interpretativa da Tradução sobre a desverbalização não possuem comprovação empírica. Entretanto, Seleskovitch e Lederer sustentaram suas teorias e, por meio de dezenas de horas de gravações de interpretações em conferências solidificaram as bases de seu pensamento. Para elas o discurso oral é contínuo e não se detém em palavras.

A Teoria Interpretativa da Tradução preconiza que frases e expressões isoladas não contribuem para a formação da apreensão do sentido da mensagem na mente dos ouvintes. Essas expressões isoladas levam à perda da ideia central de um discurso. O intérprete precisa de uma série de ferramentas cognitivas para exercitar bem a faculdade da desverbalização.

2 TEORIA INTERPRETATIVA DA TRADUÇÃO

A ideia de desverbalização surgiu com Danica Seleskovitch, em 1968, que a partir de suas observações formulou as bases da Teoria Interpretativa da Tradução (Teoria do Sentido).

De acordo com Pagura (2012, p.98-100) Seleskovitch e Lederer sempre foram muito criticadas por pesquisadores empiricistas. O matemático e estudioso do campo da interpretação Daniel Gile (apud PAGURA R.J., 2012, p.99) defende que “fatores sociológicos” contribuíram para a “sólida implantação da Teoria Interpretativa da Tradução” já que Seleskovitch fundou o primeiro programa de doutoramento e defendeu o primeiro doutorado na área de interpretação na França, e também porque ao longo dos anos 1970 diversas teses de doutorado foram defendidas nesse mesmo programa.

A pesquisa acadêmica multiplicou exponencialmente as teses, dissertações e artigos científicos sobre tradução. Porém, como observa Lederer (1998, p.35), muitos problemas teóricos da tradução são frutos das incapacidades práticas de alguns profissionais:

Inadequações tais como falta de domínio avançado do idioma e do assunto, fracas habilidades de tradução, tradução para uma língua estrangeira, ou mesmo a falta de habilidade de alguns teóricos em compreender os parâmetros corretos como diferenças entre língua e texto,

tradução de itens lexicais em vez de segmentos textuais, exercícios de tradução etc³

Lederer (1998, p.35) destaca que a atividade tradutória resume-se a entender uma mensagem e reorganizá-la em outra língua. Ela considera importante se ater ao âmago da mensagem.

Lederer (1998, p.38) enfatizou que a Teoria Interpretativa da Tradução não lida com os múltiplos aspectos práticos da tradução. Talvez ela não tenha imaginado que seu pensamento forneceria o ponto de partida para experiências que podem avaliar e melhorar o treinamento de intérpretes.

3 PESQUISA CIENTÍFICA

Kiraly (2000, p.1) coloca em discussão a ideia de que ainda não existe uma metodologia de treinamento para intérpretes propriamente desenvolvida.

Esta afirmação pode ser defendida como referencial teórico para a hipótese de que a desverbalização como ferramenta pedagógica e o treinamento de intérpretes são tópicos que possuem fôlego para contribuições significativas na área da Interpretação de Conferências.

A interpretação tornou-se fundamental para o estabelecimento das relações diplomáticas entre as nações nas últimas décadas. Entender completamente, e acima de tudo, entender bem o que está sendo dito é crucial para as relações transcontinentais em reuniões de trabalho, missões estratégicas diplomáticas, acompanhamentos ou conferências.

Fayza Saleh AL-Hammadi (2008, p.13) observa que traduções orais e escritas tornaram-se práticas comuns no estabelecimento de vínculos econômicos, culturais, governamentais e educacionais. Assim, as pesquisas, intercâmbios, atos políticos e transações comerciais entre diferentes organismos internacionais passaram a exigir uma comunicação mais precisa e fluida.

Estudos acadêmicos nos campos da linguística e da tradução têm investigado temas variados que vão desde semântica e semiótica até o papel dos idiomas no

³ Inadequacies such as insufficient language or subject knowledge, poor translating skills, working into a foreign language, or the inability of theoreticians to sort out the correct parameters such as confusion between a language and a text, translation of lexical items instead of text segments, language learning exercises etc.

mundo contemporâneo, entretanto, poucas pesquisas debruçam-se sobre o treinamento de intérpretes e a estratégia de desverbalização.

Tais objetos de estudo são peças importantes para a realização de um processo que Fayza Saleh AL-Hammadi (2008, p.13) denomina de “comunicação intercultural” – sendo a desverbalização uma ferramenta basilar para que o sentido de uma mensagem seja capturado em sua plenitude.

Daniel Gile (2003, p.51) sustenta que a “desverbalização implica uma perda natural de precisão e exige mais explicações e experimentações”. Gile (2003, p.55) constatou que a performance de seus alunos de interpretação continha a mensagem dos discursos originais – além de informação induzida pelas regras do idioma de partida (Informação Linguisticamente Induzida) e informações incluídas deliberadamente ou do subconsciente.

As habilidades de interpretação relacionadas às modalidades simultânea e consecutiva sinalizam que a desverbalização seria mais facilmente constatada na interpretação consecutiva – exatamente como observa Lederer (apud PAGURA, R.J., 2012, p.98) “o conceito de desverbalização surgiu da análise da interpretação consecutiva, feita da língua estrangeira para a língua materna do intérprete, admitindo-se processos diferenciados na interpretação simultânea e na tradução escrita.”

4 HABILIDADES DE INTERPRETAÇÃO

Seleskovitch (1991, p.1) considera que para adquirir habilidades de interpretação corretamente, antes de tudo, é preciso conquistar o domínio dos idiomas de trabalho.

Ela e seus colegas intérpretes da Escola Superior de Tradutores e Intérpretes de Sorbonne compartilham o ponto de vista teórico de que o processo de interpretação acontece de maneira igual qualquer que seja a combinação linguística.

Entretanto, para que esse fenômeno aconteça com efetividade, o intérprete, logicamente, deve entender o que o orador está dizendo, compreendendo a mensagem que o emissor do discurso quer transmitir aos ouvintes.

Sendo assim, Seleskovitch (1991, p.2) pontua que o intérprete será capaz de expressar as ideias do orador sem necessidade de traduzir as palavras – “e ideias podem ser explicadas em qualquer língua, ao passo que significados idiomáticos

não. Esse olhar teórico baseia-se em dados obtidos por meio de comprovação empírica.”

Robin Setton (apud PAGURA, R.J., 2012, p.101) aponta Seleskovitch como uma estudiosa “pragmatista à frente de seu tempo” dotada de “perspicácia radical. A trajetória pessoal e profissional de Danica Seleskovitch é um compêndio de aprendizados que traçam a própria história da Interpretação de Conferências. A experiência prática de seu trabalho como intérprete profissional aliada ao seu desempenho docente ajudam a explicar a formulação de muitos postulados que já há algumas décadas, e, ainda hoje, são objetos de estudo de diversas pesquisas.

Seleskovitch (1991, p.2) afirmava que a interpretação de conferências é realizada com base no binômio sentido-intenção e deve afastar-se da equivalência formal:

Eu concentrava no sentido das mensagens que o orador pretendia expressar, e passei a entender que elas não representavam completamente os significados idiomáticos. Desse momento em diante comecei a usar a palavra ‘sentido’ para definir o conceito da mensagem de um orador, e, diferenciá-lo do significado idiomático e semântico.⁴

De acordo com a Teoria Interpretativa da Tradução o sentido de uma mensagem é formado por informação extra-linguística acrescida de complementos cognitivos que dão forma ao significado idiomático. Tanto na consecutiva quanto na simultânea o intérprete deve ser capaz de exercitar duas habilidades que Seleskovitch (1991, p.3) chama de “compreensão e expressão do sentido”. Essas habilidades serão discutidas neste artigo sob a perspectiva dos professores/instrutores responsáveis por treinar intérpretes nos cursos de formação em Interpretação de Conferências no Brasil.

5 A DESVERBALIZAÇÃO E O TREINAMENTO DE INTÉRPRETES NO BRASIL

A primeira pergunta do questionário focou-se na área de atuação geográfica dos professores, buscando aferir em quais cidades e estados do Brasil os profissionais concentram e exercem suas práticas docentes. Constatou-se que, de um total de 11 respondentes, 6 atuam no estado do Rio de Janeiro. Outros 4

⁴ I concentrated on the meanings speakers wished to convey and noticed that these should not be completely identified with language meanings. From that time onwards I started using the word “sense” for a speaker’s meaning to distinguish it from language meanings or semantics.

respondentes exercem suas atividades no estado de São Paulo, e um respondente não mencionou o estado no qual leciona. Essas respostas confirmam que a grande maioria dos cursos de formação e treinamento de intérpretes de conferência no Brasil estão concentrados no eixo econômico e acadêmico Rio de Janeiro – São Paulo.

Em resposta ao segundo questionamento foi solicitado aos docentes que apontassem em quais cursos ministram suas aulas. Foram oferecidas aos participantes da pesquisa as opções de resposta: curso de graduação, curso de pós-graduação e cursos livres. Um total de nove respondentes, perfazendo 82% dos participantes, responderam que lecionam em cursos de pós-graduação. Outros 18%, equivalentes a apenas dois respondentes, afirmaram que ensinam em cursos livres, e, nenhum respondente apontou a opção curso de graduação como sua área de atuação. A terceira pergunta teve como objetivo averiguar que tipo de entendimento os professores e instrutores possuem sobre o conceito desverbalização. A teoria da desverbalização argumenta que o discurso na língua de partida deve ser entendido e descartado após ser usado para reformular uma explicação que, nas palavras de Seleskovitch (1975, p.36), contenha: “o sentido intencional, social, emocional e informativo da mensagem” – como podemos observar nessas respostas:

Resposta 1: “Em um brevíssimo resumo, desverbalização seria ouvir o conteúdo original, compreender o sentido do que foi dito e rerepresentar aquele sentido no novo idioma. Significa revestir a ideia a ser transmitida com as palavras da língua-fonte.”

Resposta 2: “Interpretar o sentido da mensagem.”

Resposta 3: “Não sei bem, mas deve ser se afastar da semântica das palavras individuais e abstrair para o sentido da frase.”

Resposta 4: “O delivery. Interpretar em si.”

Resposta 5: “O recurso que o intérprete usa para preservar o sentido da língua original e, assim, melhorar a reprodução espontânea do que foi dito na língua de chegada.”

Resposta 6: “A desconstrução de uma frase em um idioma para que ela seja elaborada no idioma de chegada.”

Resposta 7: “Exercer o significado de algo escrito em algo falado, simultaneizar o texto em algo puramente oral.”

Resposta 8: “Manter o conceito sem prender-se às palavras.”

Resposta 9: “Concentrar-se na mensagem do orador e não nas palavras.”

Resposta 10: “A habilidade de transmitir a mensagem com um vocabulário e construção que não necessariamente são iguais ao original, mantendo a fidelidade à mensagem e fazendo adaptação cultural, quando necessário.”

Resposta 11: “Desapegar-se das estruturas linguísticas do original.”

As reflexões dos mestres responsáveis pela formação de intérpretes no Brasil se alinham ao pensamento de Seleskovitch (1978, p.11) de que “após ouvir um discurso, guardamos na memória o sentido da mensagem e não as palavras ditas”.

As respostas comprovam que os professores/instrutores, com raras exceções, sabem muito bem o que é a desverbalização e fazem uso consciente dela em sala de aula. Todos eles verbalizam que para realizar a explicação da mensagem com propriedade são necessários: raciocínio rápido, foco, concentração e capacidade de quebrar as limitações impostas pelas palavras. Percebe-se que a formação de intérpretes no Brasil, mesmo sendo relativamente recente, conta com profissionais que preocupam-se com a pesquisa acadêmica.

Na questão que versou sobre a importância da desverbalização como exercício para treinamento de intérpretes encontrou-se um consenso: todos os professores/instrutores afirmaram que a desverbalização é um exercício muito importante. A unanimidade chama a atenção já que um dos respondentes afirmou não ter certeza do que era desverbalização.

A quinta pergunta abordou o uso da desverbalização nas modalidades de interpretação consecutiva e simultânea. Na formulação dos objetivos geral e específicos deste artigo científico tornou-se imperativo investigar se a desverbalização poderia ser empregada como recurso pedagógico no treinamento de intérpretes apenas na consecutiva, apenas na simultânea ou em ambas. Os professores/instrutores também tiveram a opção de responder que não usam exercícios. Verificou-se equilíbrio na distribuição percentual das respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa. Os resultados descritos aqui comprovaram que a desverbalização pode ser usada tanto na simultânea quanto na consecutiva.

Do total de respondentes 55% disseram que treinam intérpretes nas duas modalidades, 27% afirmaram que usam a desverbalização apenas durante o treinamento nas aulas de interpretação consecutiva. Outros 18% pontuaram que os

exercícios são empregados somente na simultânea. Nenhum participante escolheu a opção “não uso exercícios”.

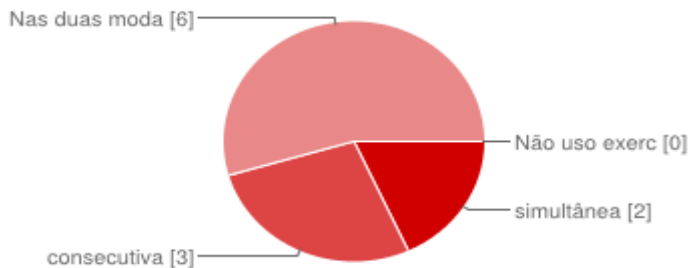


Fig. 1. Desverbalização e Modalidades de Interpretação

Quanto aos tipos de exercícios usados em sala de aula as respostas foram as seguintes:

Resposta 1: “Expressar oralmente na língua de chegada as ideias compreendidas de um texto escrito.”

Resposta 2: “Exercícios de memória: assistir a um vídeo ou ouvir um áudio sem tomar notas e tentar reproduzir a ideia principal; e subdividir os tipos de significado (principal, secundário e nuances) e pedir aos alunos que os identifiquem separadamente. Exercícios do tipo “fill in the blanks”, para que os alunos sejam capazes de captar mensagens e ideias e se desapegarem das palavras.”

Resposta 3: “Interpretação simultânea em cabine.”

Resposta 4: “[...] resumo oral a partir de textos curtos, consecutiva sem notas, tudo antes de começar a consecutiva com notas.”

Resposta 5: “Exercícios em cabine.”

Resposta 6: “Repetindo na língua-fonte, parafraseando na língua-fonte, repetindo na língua-alvo, parafraseando na língua-alvo, interpretando para a língua-fonte, interpretando para a língua-alvo.”

Resposta 7: “Variados sugeridos por autores de livros sobre interpretação de conferência e outros adaptados de exercícios para oratória, ensino de língua estrangeira e de comunicação.”

Resposta 8: “paráfrases, alterar registro do original e resumir.”

Resposta 9: “Paráfrases e resumos.”

Resposta 10: “Simulações, role plays, sight translation.”

Resposta 11: “Vários.”

As respostas sinalizam que exercícios práticos de desverbalização podem ser empregados em sala de aula para formar e aperfeiçoar intérpretes. Essa tendência de usar diferentes tipos de exercícios práticos é defendida por Faizah Saleh Al Hammadi (2008, p 13):

“[...] tais cursos oferecem uma sólida formação profissional para intérpretes e tradutores e também funcionam como ambientes de treinamento em todas as habilidades de um idioma, da compreensão de leitura ao conhecimento da gramática e capacidade de expressão escrita.”⁵

Sobre o impacto que a desverbalização pode produzir no desempenho dos intérpretes, as respostas revelam:

Resposta 1: “É o mais importante, pois é a interpretação propriamente dita. Uma desverbalização bem feita representa público ouvinte satisfeito e, conseqüentemente, cliente satisfeito. A comunicação envolvendo dois idiomas diferentes é estabelecida.

Resposta 2: “A desverbalização permite que a mensagem seja transmitida de forma mais natural e que soe melhor ao público, além de permitir que o intérprete tenha mais controle sobre o que diz. É a base da ação do intérprete como comunicador e não como papagaio bilíngue e desmistifica a ideia de que um intérprete só precisa conhecer vocabulário para trabalhar.”

Resposta 3: “Afastar o aluno da literalidade, descolar o produto da interpretação do original”

Resposta 4: “Melhora muito o desempenho porque o intérprete, ao se ater à ideia e ao significado no lugar da mensagem, tem mais capacidade de reformulação e corre menos riscos de errar porque não entendeu ou não lembra de um termos específico. Além disso, a transmissão da mensagem fica mais natural e idiomática, pois o intérprete recria o discurso, correndo menos riscos de reproduzir a sintaxe do original e não fazer sentido na língua-alvo.”

Resposta 5: “Maior naturalidade na elocução do intérprete.”

Resposta 6: “O intérprete precisa saber mexer pelos seus idiomas de trabalho, acessando seus vários registros e formas.”

⁵ [...] such courses provide a basic foundation in the preparation of professional translators and interpreters. On the other hand, they serve as training grounds for teaching all language skills ranging from reading comprehension to grammar knowledge and effective writing.

Resposta 7: “Mais segurança na produção de seu próprio discurso, mais naturalidade.”

Resposta 8: “Melhora o conhecimento dos elementos cognitivos que o intérprete precisa ter para interpretar com coerência e coesão na semântica e na sintaxe. Entre outras coisas.”

Resposta 9: “Melhora muito.”

Resposta 10: “É crucial - nunca será um bom intérprete seguindo as palavras.”

Resposta 11: “Fidelidade à mensagem sendo transmitida.”

Essas respostas demonstram clara consonância com as ponderações de Seleskovitch (1997, p.27)

[...] Se dizemos algo incoerente, vemos nossos ouvintes franzindo a testa e fazendo cara de quem não está entendendo nada. Se dizemos algo claro, coerente, os vemos muito felizes. Constatamos como eles seguem o assunto, eles não seguem a linguagem. Nossos ouvintes querem compreender o assunto, e não as palavras aqui e ali. E assim, temos uma verificação constante de nossa prática [...]⁶

A unidade do discurso também foi mencionada como um dos impactos significativos que reafirmam o caráter enriquecedor da desverbalização no desempenho de um intérprete. De acordo com os professores todos os profissionais devem estar cientes dos impactos positivos da desverbalização na performance.

As respostas comprovaram a tese defendida neste trabalho. Os respondentes apresentaram reflexões valiosas que podem traçar um panorama pioneiro de como tem acontecido a junção da prática com a teoria nos cursos brasileiros de formação de intérpretes.

5 CONCLUSÃO

⁶ [...] Si nous disons quelque chose d'incohérent, nous voyons nos auditeurs froncer les sourcils, faire une grimace. Si nous disons quelque chose de clair, de juste, nous les voyons tout à fait heureux car ils suivent le sujet, ils ne suivent pas la langue. Nos auditeurs veulent comprendre le sujet traité, et non pas des mots par-ci, par-là. Et donc, nous avons une vérification constante de notre pratique [...]

O ponto de partida desta investigação foi a inquietação do autor em relação ao exercício da desverbalização como estratégia, técnica e ferramenta para treinamento de intérpretes.

Constatou-se que a desverbalização é uma ferramenta pedagógica usada na preparação de intérpretes para o mercado de trabalho no Brasil com frequência nas modalidades simultânea e consecutiva. Os professores usam vários exercícios diferentes, dentro e fora da cabine, e expõem os alunos a situações concretas de trabalho. Os instrutores usam a desverbalização para fazer com que os alunos derrubem as barreiras erguidas pelas palavras. Os treinadores de intérpretes no Brasil são unânimes ao afirmar que ela produz impactos no desempenho dos alunos.

As respostas obtidas com o questionário mostram um alinhamento do pensamento acadêmico brasileiro com as reflexões propostas nas principais escolas de interpretação do mundo. Os professores de Interpretação de Conferências no Brasil ensinam que transformar o léxico, a gramática, a forma, a organização das frases e a estrutura sintática de uma língua para outra requer habilidade para interpretar os gestos, entonações, mensagens subliminares, signos, carga semântica e códigos não verbais de um discurso. O intérprete que desverbaliza tem que ser capaz de elaborar a explicação do sentido da mensagem contemplando o contexto e a situação em que o discurso na língua de partida foi proferido. Por meio do exercício de desverbalização as palavras do discurso original na língua de partida são completamente apagadas da mente do intérprete, que substitui esse discurso por uma explicação carregada de sentido.

O autor deste trabalho gostaria de fomentar reflexões a respeito das possibilidades futuras de investigação científica sobre o tema. O presente artigo pode incentivar novas pesquisas sobre, por exemplo, em qual momento de um discurso a desverbalização deve ser usada, ou, sob outra abordagem, que trechos do discurso devem ser desverbalizados. Também há espaço para sondar os tipos de eventos e discursos nos quais os intérpretes poderiam utilizar com mais frequência exercícios de desverbalização. Uma temática interessante seria averiguar se certos idiomas e dialetos favorecem a prática, e quais pares linguísticos oferecem melhores combinações para a interpretação do sentido de uma mensagem.

Outro caminho seria explorar a relação entre desverbalização e as modalidades de interpretação. Artigos futuros também poderão correlacionar a desverbalização, a Teoria Interpretativa da Tradução e as novas tecnologias usadas

para auxiliar na interpretação. Pode-se, ainda, estudar a interpretação do sentido na interpretação remota.

Os enfoques colocam em debate questões teóricas, aspectos práticos e técnicos da profissão e conceitos ligados à ética profissional. Tais sugestões indicam que a desverbalização é um objeto de estudo com múltiplas possibilidades que percorrem variados campos da pesquisa acadêmica em Tradução e Interpretação de Conferências.

REFERÊNCIAS

- AL –HAMMADI, Fayza Saleh. **Deverbalization, intermediate coding and translation quality: an exercise in interpreter training.** Umm Al-Qura University Journal of Education & Psychology, Vol. 20-N0.2, Department of Foreign Languages College of Education King Faisal University Al-Ahssa Kingdom of Saudi Arabia, 2008.
- FILLMORE, C. **“Scenes-and-frames semantics.** In: ZAMPOLLI, Antonio (ed.), **Linguistic Structures Processing.** Amsterdam: North Holland, p. 55-88, 1977.
- GILE, D. **Basic concepts and models for interpreter and translator training.** Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 1995 (a).
- GILE, Daniel. **Justifying the deverbalization approach in the interpreting and translation classroom.** Forum 1:2. 47-63. Université Lumière Lyon 2, 2003.
- KIRALY, D. **A Social Constructivist Approach to Translator Education. Empowerment from Theory to Practice.** Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 2000.
- LEDERER, M. **La traduction simultanee - expérience et théorie.** Paris: Minard, 1981.
- LEDERER, M. **The Interpretive Theory of Translation: a brief survey.** El Lenguaraz. Buenos Aires, n.1, 1998.
- PAGURA, R. J. **A Interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros.** 2010. 231 f. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: São Paulo, 2010.
- PAGURA, R. J. **A Teoria Interpretativa da Tradução (Théorie du Sens) revisitada: um novo olhar sobre a desverbalização.** TradTerm, São Paulo, v. 19, novembro/2012, p. 92-108. Disponível em: <http://tradterm.vitis.uspnet.usp.br>.
- POCKHACKER, Franz. **Conexões Fundamentais: afinidade e convergência nos estudos da interpretação.** Scientia Traductionis, n.7, 2010.
- PÖCHHACKER, F. **The role of theory in simultaneous interpreting.** In: C. DOLLERUP e A. LINDEGAARD (orgs.), **Teaching translation and interpreting: training, talent and experience.** Amsterdã: John Benjamins, 1992.
- SCHJOLDAGER, A. **Interpreting research and the ‘Manipulation School’ of Translation Studies.** Target, 7, 1, 1995.

SELESKOVITCH, D. **L'interprete dans les conferences internationales: problèmes de langage et de communication.** Paris: Minard, 1968.

SELESKOVITCH, D. **Langage, langues et memoire: etude de prise de notes en interprétation consécutive.** Paris: Minard, 1975.

SELESKOVITCH, D. **Interpreting for international conferences.** Washington, DC: Pen and Booth, 1978.

SELESKOVITCH, D., & LEDERER, M. **Pédagogie raisonnée de l'interprétation.** Paris: Didier Erudition, 1980.

SELESKOVITCH, D. & LEDERER, M. **Interpréter pour traduire.** Paris: Didier, 1984.

SELESKOVITCH, D. **Fundamentals of the Interpretive Theory of Translation.** Expanding Horizons. Proceedings of the Twelfth National Convention of the Registry of Interpreters for the Deaf. August 6-11, 1991.

SELESKOVITCH, D. **Entretien avec Danica Seleskovitch: Un interprète médiocre est inutile.** Terminologie et Traduction. La revue des services linguistiques des institutions européennes, 3.1997.